

A R T E
D E
FAZER CHITAS,

E DE COMPOR AS MAIS BELLAS CURES, BOAS
TINTAS PARA ESTA MANUFACTURA; DE PIN-
TAR OS PANNOS DE SEDA, E EM MINIATURA;
DE AGUAR OS DESENHOS, PLANOS, CARTAS
GEOGRAFICAS, ETC. DE TINGIR PA'OS, PA-
LHAS, CABELLOS, FLORES ARTIFICIAES, ETC.
COM MUITOS SEGREDOS PARA FAZER TODA
A QUALIDADE DE CORES, QUE EM NADA
ALTERAÕ OS PANNOS, E QUE ESTAÕ EXPERI-
MENTADAS AO AR LIVRE, E AO SOL.

POR MR. DE LORMOIS,
DESENHADOR, E PINTOR DO REI;
EM 1780.

TRÁDUZIDO DO FRANCEZ
POR
ANTONIO VELLOSO XAVIER.

LISBOA

1804.

NA IMPRESSAÕ REGIA

Per Ordem Superior.

THE CHURCH

THE CHURCH OF THE
SACRAMENT OF THE
EUCARIST
IS A SACRAMENT
OF THE LOVE OF
GOD AND OF HIS
PEOPLE
AND OF THE
PEACE AND
HARMONY
OF THE WHOLE
UNIVERSAL CHURCH

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

THE CHURCH OF THE

ADVERTENCIA.

SEM quèrer fazer aquí o elogio das Chitas, ainda que este ramo do Commercio seja muito consideravel em França, depois do consentimento, e permissão de as fabricar, meu intento he tão sómente fazer conhecer aos fabricantes, aos trabalhadores, e aos apaixonados todas as difficuldades, que se encontrão no fabrico das Chitas, das quaes muitas embaração frequentemente a hum colorista, ou a hum official, que trabalha ás apalpadellas, e faz tantas peças más, como boas, o que lhe causa perda irreparavel.

Para prova do que acabo de dizer, vou citar mais de sessenta fabricas, que se estabelecêrão em França, as quaes se ar-

ruinirão. Não indaguei a causa, por estas fabricas decahirão ; mas sómente direi , que a pouca experiencia que os officiaes tiverão no conhecimento das drogas , dos instrumentos , das máquinas , e da sua manipulação em geral tem sido a principal causa : o que não tem contribuido pouco a desacreditar esta qualidade de pannos , maiormente os que se fabricão em França. O Público bem tem pago o principio de todas estas novas fabricas , comprando as chitas que expunhão em venda ; humas , cujas côres mal tintas se perdião na segunda , e terceira lavagem ; outras , cujas teas apodrecêrão sobre o prado por falta de saber branquear.

Ainda que se fabrique de presente hum pouco mais seguramente , e com melhor conhecimento , as instrucções que tenho dado aqui , relativas a este trabalho , não deixarão de ser bem attendidas ainda pelos mais sabios artificês : pois que em todas as fabricas , por onde tenho passado , principalmente em Suissa , que são em grande número , e muito consideraveis , os fabricantes tem feito o dever de seguir os principios , que lhes tenho dado , ou para a distribuição das côres , ou para o arranjamento dos desenhos ; tem-

v

se percebido sensivelmente, que estas mesmas manufacturas de Suissa se tem adiantado, a tres annos, depois que por ellas passei, em obras, de que os mesmos Inglezes se tem admirado, e o que os mesmos Suissos tinhamo primeiramente por impossiveis.

Tenho fabricado em *Neuchatel*, e nas fabricas dos senhores *Bourdalaïse*, e *Dupaquet*, e *Deluse*, e *Cartier*, de *Demontmollins*, de *João Renaux*, *Brand* e *Companhia*, de *Deluce*, e *Bossut*, desenhos, que suportavão até 180 estampas, o que se não tinha visto até então: he o que tem admirado muito aos negociantes deste genero de commercio.

Póde-se ver os desenhos, que aqui se tratão nas casas de todos os Mercadores de chitas do Reino, particularmente em Paris, cuja maior parte está nos circuitos d'Abbadia de *S. Germano des-Pres*.

Longe de pensar, que os fabricantes de chitas se escandalizarão de ter publicado os seus segredos, espero que elles me agradecerão, e estou persuadido, que a maior parte delles seguirá os conselhos que lhes vou dar seja em hum, seja em outro genero.

Quanto á utilidade das côres em liquor,

quor , cujos processos ensino na segunda Parte desta obra , he facil convencer-se pela multidão dos que lhes são proprias como os pintores , architectos , escultores , desenhadores , que acharão nesse livro as mais bellas côres , e faceis de fazer para pintar em tempera , e em miniatura , para aguar os seus debuxos , planos , e colorir os desenhos.

Todos os fabricantes de chitas tem necessidade destas côres , para pintar os seus desenhos antes de os executar.

Todos os artifices de flores artificiaes acharão neste livro com que tingir os seus casulos , cassas , papeis , plumas , pergaminhos ; e geralmente tudo o que lhes serve para fazer flores artificiaes.

Os pintores de leques , e os illuminadores de estampas acharão côres admiraveis para a sua profissão.

Os tintureiros , e tiradores de nodos acharão todas as qualidades de tingir em frio todas as qualidades de pannos , e particularmente de seda.

Os manguiteiros , e pelliceiros servir-se-hão dellas para tingir plumas , e pellos.

Estas côres são ainda excellentes para tingir palha , páos , pelles brancas , e cabellos.

Ellas são também muito proprias para tornar a renovar as côres das tapessarias antigas, ou das do alto lisso, ou das sedas, lãa, ou d'algodão, e pollas como novas, passando a mesma côr com pincel nos lugares que estiverem desmaiados. Terão o contentamento de ver, que estas côres serão mais bellas, e se desmaiarão menos que as primeiras, com que as tapessarias se fizeram.

Todas as pessoas, de qualquer condição que sejam, que se entretem com a pintura, e com o desenho, acharão neste livro côres portateis, faceis de se fazer, e não penosas para debuxar, e pintar tudo que quizerem, e sobre todas as fôrmas de materias, como teas de todas as especies, pannos de todas as qualidades, marfim, pergaminhos, papel, pào polido, marmore, gesso, e também sobre vidros: sendo estas côres de hum mordente admiravel.

I N D I C E

Do que contém este Livro.

P A R T E I.

- A**RTIGO I. *Da composição dos desenhos em todos os generos.* - - - - - 1.
- ART.** II. *Da construcção das peças das estampas de gravar, e da qualidade das madeiras.* - - - - - 10.
- ART.** III. *Da gravura em madeira, e dos instrumentos proprios a esta arte.* - - 13.
- ART.** IV. *Modo de preparar os pannos para os imprimir ou com galha, ou sem ella.* 17.
- ART.** V. *Instrucção para imprimir bem as peças, com as notas sobre os inconvenientes que acontecem aos impressores pouco prácticos.* - - - - - 19.
- ART.** VI. *Da maneira de passar as peças na ruiva depois da impressão.* - - - - 24.
- ART.** VII. *Da maneira de passar na ruiva as peças.* - - - - - 25.
- ART.** VIII. *Methodos differentes de branquear as peças depois de passadas na ruiva.* 28.
- ART.** IX. *Modo de fazer o mordente preto com ferros velhos, muito bom, e experimentado.* - - - - - 30.
- ART.**

- ART. X. Composição para imprimir de preto,
ou roxo escuro. - - - - - 31.
- ART. XI. Outro methodo de fazer o preto com
limalha de ferro, bom para o preto, roxo,
e amarello solido; experimentado. - - - 32.
- ART. XII. Preparação desta composição para
imprimir em preto. - - - - - 33.
- ART. XIII. Composição do primeiro roxo, ou
roxo escuro para a calanca. - - - 34.
- ART. XIV. Methodo de passar agua forte so-
bre a limalha de cobre vermelho. - - 35.
- ART. XV. Methodo de fazer segundo roxo pa-
ra a calanca. - - - - - 36.
- ART. XVI. Segundo roxo para a calanca. 37.
- ART. XVII. Terceiro roxo para a calanca,
ou roxo claro. - - - - - ibid.
- ART. XVIII. Outro methodo de fazer o ter-
ceiro roxo em maior quantidade, e menos
despeza. - - - - - 38.
- ART. XIX. Outro roxo mais claro. - - 39.
- ART. XX. Outro roxo para os fundos. - ibi^l.
- ART. XXI. Outro roxo para calanca. - 40.
- ART. XXII. Outro roxo mais claro. - ibid.
- ART. XXIII. Outro roxo mais claro. - 41.
- ART. XXIV. Outro roxo. - - - - - ibid.
- ART. XXV. Outra roxo muito bello, e soli-
do. - - - - - 42.
- ART. XXVI. Methodo de fazer o primeiro
vermelho para a calanca muito solido. 43.
- ART. XXVII. Segundo vermelho para calan-
cea. - - - - - 44.
- ART.

ART. XXVIII. Outra qualidade de vermelho para calanca. - - - - -	45.
ART. XXIX. Outro vermelho muito bello. - - - - -	46.
ART. XXX. Terceiro vermelho para a calanca fina. - - - - -	ibid.
ART. XXXI. Outro excellente vermelho para tingir as teas finas em grande quantidade. - - - - -	47.
ART. XXXII. Outro vermelho muito bello para imprimir sobre as teas sem galhas. - - - - -	48.
ART. XXXIII. Outro vermelho carregado, chamado vermelho fino. - - - - -	49.
ART. XXXIV. Outro vermelho. - - - - -	50.
ART. XXXV. Outro vermelho para a patenace, e bom. - - - - -	51.
ART. XXXVI. Outro vermelho para patenace bello, e bom. - - - - -	52.
ART. XXXVII. Outro vermelho para o metmo. - - - - -	53.
ART. XXXVIII. Outro vermelho Inglez. - - - - -	54.
ART. XXXIX. Outro excellente vermelho para teas finas. - - - - -	55.
ART. XL. Outro vermelho mais bello. - - - - -	56.
ART. XLI. Methodo de fazer o segundo, e terceiro vermelho para a calanca. - - - - -	57.
ART. XLII. Para fazer vermelho rosado. - - - - -	58.
ART. XLIII. Para fazer cor de noz moscada, e d'encarnado para imprimir os fundos. - - - - -	59.
ART. LXIV. Methodo para ferver as pegas sem ruiva. - - - - -	60.
ART. XLV. Methodo de ferver as pegas na cochoilha. - - - - -	61.

ART. XLVI. Outro methodo de ferver as pe- ças, a saber: em preto, côr de limão, côr de azeitona. - - - - -	62.
ART. XLVII. Para fazer amarello solido pa- ra imprimir - - - - -	63.
ART. XLVIII. Para fazer azul solido para pintar, e para imprimir. - - - - -	64.
ART. XLIX. Outro azul solido sem anil. - - - - -	65.
ART. L. Methodo de imprimir o azul soli- do. - - - - -	66.
ART. LI. Outro methodo para se dar com o pincel. - - - - -	67.
ART. LII. Outra qualidade de azul para im- primir. - - - - -	68.
ART. LIII. Methodo de fazer o azul, cha- modo Inglez. - - - - -	69.
Composição da primeira infusão. - - - - -	70.
Composição da segunda infusão. - - - - -	ibid.
Composição da terceira infusão. - - - - -	71.
Methodo de passar as peças pelas infusões. - - - - -	ibid.
ART. LIV. Bello, e bom verde para imprí- mir. Experimentado. - - - - -	72.
ART. LV. Outro verde. - - - - -	73.
ART. LVI. Para se fazer hum bello amarell- lo de imprimir, e bom para os fundos. - - - - -	74.
ART. LVII. Outra qualidade de amarello pa- ra se dar a pincel. - - - - -	75.
ART. LVIII. Modo de fazer o azul em frio para lenços de duas faces. - - - - -	76.
ART. LIX. Composição para fazer a reser- va. - - - - -	77.
ART.	

- ART. LX. Outra composição para fazer as
chitas azues, e brancas, chamadas porcela-
nas. - - - - - 78.
- ART. LXI. Methodo de fazer os campos par-
dos da perola. - - - - - 79.
- ART. LXII. Para se fazer o campo azeitona-
do. - - - - - 80.
- ART. LXIII. Segredo para renovar a côr pre-
ta, e roxa, que o Sol tiver alterado sobre
o prado. - - - - - 81.
- ART. LXIV. Receita para tirar manchas, que
poderião apanhar as peças no seu fabrico. 82.
- ART. LXV. Segredo para tirar as côres a-
zues, verdes, e amarellas. - - - 83.
- ART. LXVI. Para dar hum bello lustre ás
peças, depois de acabadas, e alvejadas. 84.
- ART. LXVII. Instrucção para pôr os azues,
amarelllos, e verdes, depois que as peças sa-
hirem do prado. - - - - - 85.

P A R T E II.

Methodo simples, verdadeiro, e infallivel de fazer todas as côres liquidas, que serve para pintar teas de seda, em miniatura, para assentar bem as côres nos desenhos, planos, tingir papeis, palhas, e cabellos. As côres não prejudicão os pannos, como alguns affirmão: tem-se experimentado ao ar livre, e ao Sol. - - - - - 87.

NUM. I. *Para fazer o melhor encarnado liquido mais bello que o carmin.* - - - - - ibid.

NUM. II. *Methodo de fazer hum vermelho escuro, tão raro, e tão pouco conhecido, do qual Mr. Stoupan se serve para fazer os seus bellos pasteis vermelhos, que ninguem tem podido fazer como elle até o presente.* 89.

NUM. III. *Modo de fazer todas as qualidades de roxos, principalmente o bello roxo avelutado, e tão raro, que todos os artistas procurão.* - - - - - 91.

NUM. IV. *Segredo para fazer diferentes amarellos singulares, que totalmente não se evaporão posto ao ar, como os que de ordinario se tem.* - - - - - 92.

Amarello de limão. - - - - - 93.

NUM. V. *Amarello côr de ouro.* - - - - - ibid.

NUM. VI. *Outro amarello côr d'ouro, soberbo.* - - - - - 94.

NUM.

NUM. VII. Methodo muito raro de fazer azul em liquor. - - - - -	95.
NUM. VIII. Methodo de fazer todas as qualidades de bellos verdes, sem o verde de be-xiga. - - - - -	96.
NUM. IX. Verde do prado. - - - - -	97.
NUM. X. Experiencias feitas sobre os côres em liquor com as tintas, que dellas resultão. - - -	98.
NUM. XI. Açafrão de Marte, e de Venus. - - -	100.
Uso dos Açafrões. - - - - -	102.
NUM. XII. Operação do bello azul. - - -	103.
NUM. XIII. Para fazer verde. - - -	104.
NUM. XIV. Methodo para fazer amarello muito solido. - - - - -	105.
NUM. XV. Methodo para outro amarello. Ex-perimentado. - - - - -	106.
NUM. XVI. Experiencias uteis, e recreati-vas. - - - - -	107.

ARTE
DE
FAZER CHITAS.

P A R T E I.

ARTIGO I.

*Da composição dos desenhos em
todos os generos.*

COMO na maior parte de todas as fabricas de Chitas , tanto Francezas , como estrangeiras , com raridade se achão bons desenhadores , eu me alargarei algum tanto sobre este assumpto , para animar , e dar gosto á mocidade , que se destina a fazer desenhos para as manufacturas das chitas. Depois que a chita foi introduzida em França tem-se feito muitas fabricas

A des-

deste tecido ; porém como de cem fabricas só subsistem oitenta , se convence , que a causa principal desta diminuição foi em parte o numero das peças erradas , e os máos desenhos. A maior parte dos officiaes , não tendo conhecimento do fabrico das chitas , estavam obrigados a dirigir-se pelos que se intitulavão coloristas , bem que no seu paiz só erão moedores de tintas , e aquecadores de caldeiras.

Quanto aos desenhadores , á excepção da fabrica d'Orange , que tem hum desenhador de Leão , muito poucos tem sahido que mereção estimação : além disto os associados compravão , e fazião manobrar os desenhos pelos artistas de París , e de outras partes , e copeavão as amostras dos Inglezes taes quaes. He sem dúvida esta fabrica a que melhor tem trabalhado em França , porque quasi em todas as mais escassamente tem tido outros desenhadores , fora dos que pela continuação de calcar os desenhos sobre madeiras para os gravar , insensivelmente se capacitárão de que o erão , e como taes se inculcárão. Deixo a consideração de qualquer , se pessoas instruidas desta sorte , e que só sabem desenhar maquinalmente , erão capazes de dirigir hum desenho sobre o panno

ção ; porque a intenção dos fabricantes deve ser de ornar as mulheres , e de guardar d'alfaias ás casas , e por consequencias deve-se seguir as mesmas regras dirigidas nos tecidos de seda , accommodando-as á manufacturas das chitas mais que for possível , como vamos a dizer.

Hum desenhador deve comprehender todas as qualidades dos desenhos dos panos , e conhecer o artificio para executar os seus desenhos , e as côres em consequencia da qualidade das chitas , que se quizerem fazer ; eu distinguirei principalmente doze differentes qualidades , a saber :

Calanca.

Meia calanca.

Ordinaria.

Patenace.

Pequena manobra.

Miniatura.

Peruviana para vestuario d'homens.

Dobrado azul.

Dobrado roxo.

Camaseo de todas as côres.

Para luto.

Porcelana.

Lenços de face dobrada.

Para cada huma destas qualidades de chitas, he preciso compôr seus desenhos differentes; para a *calanca* fina, como he hum panno que póde conter hum preço certo, podem-se multiplicar as côres atrezes em todas as qualidades; e com tres côres, e a branca se póde fazer huma flor, como a natural, tendo o recurso para as côres de mistura, como o vermelho debaixo do roxo para fazer carmezim: roxo debaixo do azul para fazer azul dobrado: amarello sobre o roxo para fazer côr de páos, de terrados, e de folhas seccas: amarello sobre azul para fazer o verde: amarello sobre vermelho para fazer o bem me quer, etc.

He preciso que o desenhador faça realçar nos seus desenhos da *calanca* todas as misturas de côres, para as multiplicar, e enriquecer os mesmos desenhos. Precisa tambem que faça sobresahir nas suas flores o branco, e o preto, á excepção das vermelhas, onde nada se põe de preto, mas deve distribuir as partes brancas, e pretas com exactidão.

Como no fazer os desenhos das chitas se permite toda a liberdade, podem-se usar de todos na *calanca*, como flores naturaes, flores, e fructos da Índia, e da fan-

fantezia, fitas, rendas, galões de toda a qualidade: põe-se alguns paizes, e tambem animaes, principalmente borboletas, insectos, e passaros: mas tem-se experimentado que os desenhos, que mais se assemelhão á natureza, erão mais procurados; quando as flores naturaes, que se tem introduzido, são bem desenhadas, e bem pintadas, e que o panno, e a manobra correspondão á correcção do desenho, se vendem muito bem.

Hum desenhador deve pois applicar-se a fazer os desenhos naturaes, e não pôr sobre o mesmo ramo flores de muitas especies, e do mesmo modo deve evitar o pôr muitas côres sobre a mesma flor; quero dizer, que em huma rosa, por exemplo, só deve ter a vermelha, em hum jacintho a azul, no junquillo a amarella, nas violas a rôxa, etc. Ha com tudo certas flores, que são susceptiveis de muitas côres, como as anemonas, as tulipas de matizes, e amores perfeitos, etc.

Mas he preciso que hum desenhador distribua as suas côres, para que a confusão não embarace o impressor, e ao colorista. Hum desenhador sábio, e intelligente n'arte de fazer as chitas, deve imitar a bella simplicidade; he preciso que os
seus

seus objectos sejam bem distinctos , e que em hum desenho não haja já mais hum que hum objecto dominante , e que todo o restante seja ligeiro , e accessorio ao principal objecto do desenho.

Para as meias calancas põem-se duas côres vermelhas , huma rôxa , huma verde , huma amarella , e huma azul ; mas fazendo avivar as côres , como quando se põe a rôxa debaixo do azul , faz duas azues ; a rôxa debaixo da vermelha faz côr de vinho. Podem-se fazer tambem muitos verdes , deixando algumas folhas , e algumas partes das mesmas em amarello , não pondo o verde por cima ; isto faz dous verdes ; e pelo meio do preto se pôde fazer hum terceiro , quando he bem distribuido. Pôde-se fazer côres formosas de páos , que sirvão para as flores , mettendo a amarella sobre a rôxa , que já está assombrada de preta , o que faz tres côres de pouca despeza.

As chitas ordinarias , ou vulgares se fazem com huma , ou duas côres , como toda preta , ou toda vermelha , e preta , e vermelha : pertence ao desenhador enriquecer seus desenhos pela gravura. Pôde-se fazer ainda obras formosas neste genero dito realçando as picotages , e os traços

ços perpendiculares , horisontaes , e diagonaes.

A *miniatura* consta de pequenos pontinhos muito juntos huns dos outros , que figurão hum fundo semeado de pequenos pontos brancos. Da mesma sorte com as picotages de differentes tamanhos , se faz o campo salpicado de pequenos pontos pretos. Pôde-se tambem figurar muitas qualidades de pequenos desenhos em moisaico com estas qualidades de gravura ; e os Inglezes tem ordinariamente empregado com bom exito em flores , em galões , e em rendas.

As *patenaces* são as chitas ordinarias , nas quaes se ajuntão o azul , e o amarello : deve-se observar , que os pannos sejam de melhor qualidade. Os pequenos feitos se fazem ainda com quatro côres preta , vermelha , azul , e amarella : ordinariamente não se pôe o amarello. Empregão-se para esta qualidade os melhores pannos , e se podem fazer desenhos bellissimos ; mas he preciso que o desenhador não faça as suas flores maiores que huma ervilha , ou quando muito como huma ave-lã , e muitas cousas pequenas em picotage.

As *peruvianas* são desenhos , que ordinariamente imitão os droguetes , e lustrinas de seda , ou outros pannos para vesti-

ridos de homens ; nestas qualidades se pôde fazer realçar muito o preto : os desenhos mais simples são os melhores. He bastante ter o desenho sómente até quatro côres ; se bem que até tres será sempre melhor ; porque a confusão das côres neste gênero de chitas , as faz sempre mal executadas.

Os azues dobrados se gravão todos em preto , e as flores todas em sombra ; de modo que , pondo-se o rôxo para as meias tintas , e hum tinta geral d'azul , reservão os brancos nos grandes objectos , o que faz hum camateu azul. Faz-se tambem tres azues por meio de hum rôxo por baixo , e de dous azues por cima.

Os rôxos dobrados se desenhão do mesmo modo , assombrão-se as flores de preto , e se torna a dar hum rôxo por cima , o que faz dous rôxos : para os pannos finos se torna a dar dous rôxos , o que com o preto faz tres. Nestes desenhos se pôde pôr tudo conforme a idéa , mas he preciso unir-se sempre á correccão do desenho.

Os camafeus vermelhos se fazem do mesmo modo : toda a differença consiste em se imprimir a estampa em vermelho carregado , que se chama vermelho fino.

Fa

Fazem-se tambem chitas para luto , humas com fundo preto , e outras com flores pretas em fundo branco hum pouco guarnecido : he nesta differença d'objectos , que o desenhador pôde fazer sobresahir a picotage , e a mosqueação. Pôde tambem imitar a gravura em talho doce por meio de duas estampas , cujos traços se encruzão na impressão , o que faz parecer os desenhos gravados em chapa de cobre.

As chitas , que imitão a porcelana , se imprimem com anil , como se dirá no artigo 60 , e não vão para o prado. Os lenços de face dobrada se fazem em tina com banho de reserva , como se determina no artigo 59.

Estes desenhos se compõem em papel azul , e se debuxão com branco ; por este meio logo se vê o effeito do seu desenho. Geralmente os desenhos das chitas devem ser desembaraçados , e os objectos bem distinctos ; he preciso que haja sempre em cada desenho hum objecto principal , ou flores , ou côres , e fazer de sorte que os desenhos se dividão ou no comprimento , ou na largura ; isto faz infallivelmente hum bom effeito , porque os desenhos não fazem mais huma facha ,

e os objectos se reduzem em fôrma quadrada sempre no seu todo. Finalmente hum desenhador deve ter o cuidado de economizar as côres para facilitar o colorista a fazer o panno menos dispendioso.

A R T I G O II.

Da construcção das peças das estampas de gravar, e da qualidade das madeiras.

DEstas cinco qualidades de madeiras se servem para gravar : a saber, o buxo, o azivinho, e a pereira, o til, e a nogueira. O buxo emprega-se sómente nos desenhos muito delicados, e para as pequenas flores ; não tenho visto fabrica, que delle não use ordinariamente. O azivinho he muito boa madeira para gravar, e que dura muito tempo, mas as mais largas fôrmas que tenho visto, tem só cinco pollegadas de largura, de sorte que he preciso ajunta-las igualmente para gravar hum desenho de três andares, e só vi em
An-

Angers, usar-se dellas, em razão da raridade desta madeira.

A pereira he a madeira mais usada ordinariamente em todas as officinas, á excepção das fôrmas para tornar a dar as côres, as quaes podem ser feitas do til. Serve-se tambem da nogueira para gravar os desenhos grossos, e particularmente para os moveis, e os lenços de quatro pancadas de molde. Geralmente todas as madeiras de que usão para a gravura hão de ser seccas, e os que quizerem bem fabricar, as deixão ainda seccar por alguns mezes depois de ser aplainadas, e cepilhadas. He preciso que as fôrmas sejam preparadas por bom abridor, ou que trabalhe em evano. Tenho sempre visto nas boas fabricas de Inglaterra, de Hollanda, e de Suissa, que fazião aplainar as fôrmas em ambas as faces; mas a destinada para gravura deve ser muito mais trabalhada que a outra. Depois, se as fôrmas forem de duas pollegadas de grossura, serrão-se em tres partes, de sorte que se ganhem dous terços de madeira. Depois de serradas, e aplainadas as pranchas, isto vos dá fôrmas de meia pollegada pouco mais, ou menos, que se dobrão da parte, que não deve ser gravado; com hum prancha de faia

faia de meia pollegada , mettendo o fio da faia ao través do fio da pereira. Dobra-se ainda outra vez com huma fôrma de pão de carvalho , tambem de meia pollegada , mettendo a fio do carvalho em cruz sobre o da faia : bem entendido , que a fôrma da pereira deve ser cortada pela grandeza do desenho , que deve ser gravado por cima. Segurão-se estas duas dobraduras com colla forte : os Evanistas sabem collar páos de maneira , que não se desunem já mais. A fôrma , estando gravada , cavilha-se , pondo-se tres ou quatro parafusos de ferro nos lugares desempidos da gravura.

Alguns poderão reccar as despesas , que exige esta preparação das fôrmas ; mas eu lhes responderei , que elles são livres de se concordar , ou não : eu faço estas observações depois dos Inglezes , que são sem contradicção os melhores fabricantes de chitas que ha na Europa. Finalmente depois de haver páos de pereira com abundancia , escusa-se dobrar as fôrmas , maiormente quando são pequenas.

ARTIGO III.

*Da gravura em madeira , e dos
instrumentos proprios a es-
ta arte.*

HUm bom gravador deve ter huma duzia de pequenos burís , dos quaes o mais pequeno , e o primeiro faz pouco mais , ou menos a circumferencia de hum alfinete , e sempre augmentando em grossura gradualmente , de sorte que o ultimo dos doze tem a grossura de huma ervilha. Ainda lhe são precisos dous , ou tres burís grossos para vasar , e descarnar as fôrmas gravadas : facilmente achão aqui estes instrumentos , porque todos os esculptores se servem delles : deve ter tambem pois huma duzia de *bouteavantes* : he hum pequeno instrumento , que córta de plano , e que he curvo , como huma colher de pedreiro ; o menor deve ser tão delgado como huma peça de seis *liards* (moeda pequena em França) para vasar os menores lugares , e sempre em augmento ,
de

de sorte que o mais grosso vem a ter a largura de hum quarto de pollegada, para vasar nos mais amplos lugares: lhe he preciso ainda hum ferro de ponta, o qual he hum instrumento com que se cortão todas as circumferencias do desenho, que se grava. Para se format este instrumento, se manda fazer pelo caldeireiro hum recontro de cobre de seis pollegadas de comprimento com hum reforço na pequena extremidade, que só deve ter quatro até cinco linhas de diametro: a extremidade grossa deve ter oito até dez linhas de grossura. Tornea-se hum pedaço de pão duro, que entre neste recontro justamente, e que seja mais comprido, que o recontro tres pollegadas pouco mais, ou menos: serra-se no meio do seu comprimento tão avante, que o recontro fique comprido, em cuja fenda se mette o pequeno instrumento que corta, e he amolado em bico de corvo.

Ha gravadores que se servem de lancetas, outros de folhas apropriadas, mas melhor he usar-se de mola de relojo, que se corta pela extremidade, se tempera, e se amola a seu geito. Hum gravador tem necessidade de huma *broca* (*termo d'arte*): este ferro serve para fazer buracos por
meio

meio das vertumas , que se mettem no meio : usa-se , como os relojoeiros , com hum arco. Deve ainda ter hum pequeno martelló de ferro para picar com as matrizes de differentes grossuras á proporção dos picados , que se quizer assentar nas fôrmas. Os picados se fazem com arames de ferro , ou de latão , cortados por pequenas pontas pouco mais , ou menos de quatro até cinco linhas , para fazer entrar ametade na fôrma : a outra parte que ficá de fóra , deve ser hum pouco mais alta que a gravura. Quando a fôrma está toda cheia de pontas , passa-se sobre humá pedra com arêas para as gastar , e por este meio se gastão todas as pontas igualmente até a altura da gravura. Ha quem gaste as pontas com limas brandamente , mas isto as desmancha , e a operação he mais custosa.

Para gravar nas regras , e para evitar as quebras , a boa manobra he dividir todo o seu desenho antes de vasar , e tambem fazer os entalhes por cima da fôrma , nos quaes o impressor mette os seus dedos segurando a fôrma para imprimir : porque quando se fazem todas estas cousas , antes que a fôrma esteja vasada , arrisca-se
sem-

sempre quebrar alguma cousa , que he difficil de concertar.

Hum gravador deve ter huma banca firme , e sólida , na qual elle fixa huma cavilha de ferro , que exceda a parte superior da sua banca meia pollegada , esta cavilha entra em hum buraco , que se faz no meio da fôrma que se quer gravar , e a tem á proporção , sem que ella possa mover-se , quando se córta , ou quando se vasa. Deve tambem ter hum macete de páo , ou malho como dos canteiros , para bater sobre o grosso buril , quando se serve delle para vasar , e para descarnar as fôrmas.

ARTIGO IV.

*Modo de preparar os pannos para
os imprimir ou com galha, ou
sem ella.*

P Onhão-se de molho as peças que se hão de preparar em chitas em huma tina cheia de agua tepida por alguns dias, para abrir os poros do algodão, e para bem expurgar a têa, depois lava-se bem, e se bate no pisão, e se torna a lavar ainda, e sempre em agua clara, e corrente, e depois de bem lavadas, e seccas, se passam no cilindro, ou calandra para pisar a grã da têa; isto diminue o trabalho do impressor, a fôrma marca totalmente com igualdade, e dura mais tempo.

Se quizerem metter na galha as têas, como ordinariamente se faz para as chitas, que são todas pretas, ou brancas, he preciso po-las em huma tina propria com cem canadas d'agua, e huma libra de galhas pisadas, ou moidas em pó, deixando em infusão por vinte e quatro horas, mechem-

R

se

se bem por duas ou tres vezes durante esse tempo , depois do qual se molhão as peças , que se hão de metter na galha , hum depois da outra , e tirando-as se torcem por hum molinete , que está por cima da tina com disposição , para que a agua da galha caia na mesma tina : seccão-se as têas como acima , e se passam igualmente pela calandra.

Querendo-se que as côres sejam brilhantes, e vivas, antes de imprimir, passam-se em bosta de vacca, ou ainda melhor na de ovelhas: depois se lavão, batem-se, seccão-se, e se passam na calandra, como acima.

ARTIGO V.

Instrucção para imprimir bem as peças , com as notas sobre os inconvenientes que acontecem aos impressores pouco práticos.

P Ara imprimir bem , he preciso ter hum taboa quasi de seis pés de comprimento sobre dous de largura , e seis pollegadas de grossura. Esta taboa deve ser muito aplainada , e posta sobre pés , que terão quatro pollegadas em quadra , e bem unidos por baixo de huma boa travessa , de sorte que tudo faça hum montão pesado , e solido. Tenho visto fabricas onde se servia de mesas de marmore , ou de pedra dura ; e he a melhor fórma , porque ellas não se empenão , como as de madeira , que tem a precisão de cepilhar de tempos em tempos para aplainar

Estas mesas devem ser cobertas de tapetes de panno , ou de sarja fina , bem estendidos , e pregados nos quatro quantos da mesa com quatro brochas , de modo

que se possam tirar de tempos em tempos para mudar o panno , quando este estiver manchado pela côr , que passa ao travéz da têa , que se imprime. Lavão-se , e battem-se esses tapites para os mudar á proporção que se sujarem.

O baldes em que se lança a côr para a tomar com a fôrma , devem ser de tres pollegadas em quadro os maiores , que as maiores fôrmas , que se poderem ter : o primeiro deve ser reunido com fundo de taboa , de fôrma que se sustenha a agua ; as suas bordas devem ter seis pollegadas de alto : enche-se ametade de gomme do paiz , dissolvida n'agua , de sorte que fique condensada como papas. Põe-se por cima desta gomme hum caxilho , que entre justo no grande balde , que tem tres pollegadas de bordas , o seu fundo he de panno encerrado , pregado todo á roda das bordas por fóra , de sorte que a gomme não passe exteriormente. Nesta segunda grade põe-se ainda outra , que só tenha duas pollegadas de alto , e o seu fundo de panno fino , bem estendido , e pregado todo á roda com pequenas brochas muito juntas humas das outras. Na qual sobre este panno , he que se estende a côr , assim como será explicado mais amplamente no seu artigo.

Ser-

Serve-se para estender a côr gomma-da com gomma arabia, de hum pedaço de chapeo dobrado, tão grande como a mão, que terá sido bem lavado, e bem limpo. Para a côr gommada com polvilhos se usa de huma escova de sedas de porco compridas, que ha de ser chata; e bem depressa conhecer-se-ha o uso experimentando qualquer artifice. Quando o impressor principia a trabalhar huma peça, he preciso ter postas as suas pranchas em linha direita, examinar antes se alguma prancha não está limpa, atormentada, ou empenada (termos d'arte); quero dizer, se ella não está direita, o que faz que ella não marque igualmente por toda a parte. Se ellas estão empenadas as endireite, molhando a parte estampada, aquecendo a outra ao sol, ou á fogo brando, que as endireite. He preciso ter sentido se os quatro picos, ou pontos de união estão em justo quadrado, sem que o impressor não poderá já mais igualar o seu desenho exactamente: e para isso deve tomar o ponto do meio da fôrma, e que com hum compasso ache os quatro pontos na mesma distancia do meio: estando justa a fôrma está direita.

Então toma a côr dentro do caxilho
com

com a maior igualdade possível : bate-se sobre a fôrma com o cabo do macete de páo o mais pesado que for possível , tendo-o na mão esquerda. A prática he que ensina todas as pequenas precauções , que são precisas para a manobra , as quaes são muitas , e não podem ser escritas ; se bem que com facilidade se aprendem , a pezar de pouca industria , e intelligencia.

Ha ainda outro modo de imprimir , que se chama *entrar de novo* : neste se imprimem as fôrmas , que tornão a entrar na primeira fôrma da impressão , e que fazem todas as differentes côres ; e assim são precisas tantas , como as côres. Querendo-se , por exemplo , fazer huma chita de tres côres vermelhas , tres rôxas , etc. he preciso que depois do desenho illuminado , se debuxe sobre tantas fôrmas , como ha de côres ; o que se faz seguindo correctamente o desenho pintado. Primeiramente para o vermelho pallido , pica-se exactamente tudo o que he vermelho pallido , fazendo com tudo as proporções , que indiquem a nova entrada , onde deve pôr a mesma , para que ella se ache justa nas flores , que deve illuminar. Estas proporções se tomão sobre huma extremidade de folha , ou sobre hum fim do ramo ,

e se faz de sorte que tenha ao menos duas ou tres. Segue-se o mesmo principio por todas as mais côres, que não são da primeira fôrma.

Observar-se-ha tambem, que as circumferencias das flores, que devem ser vermelhas, se gravão á parte, e devem ter os pontos de proporção, como as entradas de novo. Esta fôrma se imprime immediatamente depois da primeira impressão preta. Quanto a mão d'obra da mesa, e do caxilho he sempre a mesma. Observar-se-ha, que he preciso ter tantos caxilhos, como côres para tirallas, e tornar a pôr em cada vez que se muda de côr.

Todo o impressor, ou introdutor de novo deve ter hum moço, que esteja sempre á grade para estender a côr a cada passo que o impressor quizer tomar, e para o ajudar a tirar a têa, e a arranjar bem unida todas as vezes que estiver concluido hum quadro.

Depois que as peças estão estampadas, se conduzem ao estendedor para as seccar bem; quanto mais tempo se deixar seccar, mais bellas, e sólidas serão as côres.

ARTIGO VI.

*Da maneira de passar as peças na
ruiva depois da impressão.*

E Stando as peças bem seccas , e querendo-se passar pela ruiva ; molhão-se por duas ou tres horas n'agua corrente, segurando-se pela extremidade em hum estaca. Depois de molhadas se batem no pião , torcem-se , e ajuntando as extremidades se passam no torno , como se vai a explicar. Lavando-as bem se extrahe toda a acrimonia dos saes , com que os mordentes são compostos : sem esta lavagem aconteceria que a fervura da ruiva , em que as passam , as escurçeria , e mancharia todas as côres.

ARTIGO VII.

Da maneira de passar na ruiva as peças.

EIs-aqui a operação mais arriscada de todo o fabrico das chitas, porque ella he a que decide o destino das côres, de sua belleza, e da sua solidez. Esta he a operação que tem arruinado a muitas fabricas por falta de hum obreiro, que conhecesse todas as suas precauções necessarias: porque quando huma peça se mancha nesta operação, o remedio consiste em tingir de preto, e vender-se para forros; o que todos os dias succede muito frequentemente nas novas fabricas, que se tem estabelecido. Vou dar aqui a manobra dos *Inglezes*, dos *Hollandezes*, e dos *Suissos*, que são os que melhor tem acertado nesta qualidade de trabalho.

Nas melhores fabricas de *Inglaterra* se passam em ruiva por huma só vez as peças, os tres vermelhos, e os tres rô-

xos.

xos, etc. e sahem desta mesma fervura taes como ellas devem ser.

Vi em *Hollanda* huma fabrica, onde se passão as peças pela ruiva tanta vez, quantos vermelhos tem, e usão deste methodo porque as madeiras são de preço racionavel, e as côres se graduão, e se distinguem melhor.

Em *Suissa* para as calancas, que tem tres vermelhos, e tres rôxos, passão-se as peças duas vezes na ruiva; a saber, a primeira depois da impressão do preto, e do primeiro vermelho, chamado fino, o que elles chamão *desempenhar*; depois segunda vez se passão na ruiva, e reimprimem os segundos e terceiros vermelhos, e rôxos; esta he a manobra de M. Claude Dupuquer, fabricante em *Neufchatel*, que faz as obras tão bellas, como em *Inglaterra*. Geralmente, para passar as peças na ruiva, depois de impressas, põe-se em caldeira bem limpa, e cheia d'agua corrente com tres libras de ruiva boa de *Hollanda*, por peça de fundo branco; sendo porém de fundo de côr, se precisão de quatro libras por peça, e algumas vezes de cinco, maiormente sendo os fundos vermelhos. Estando a ruiva na caldeira, e o fogo acceso por baixo, agita-se bem a agua para dis-

dissolver a ruiva: principiando a ferver se mergulhão as peças da maneira seguinte.

Tem-se por cima da caldeira hum molinete com o feitio de dobadeira, do comprimento da largura da caldeira (1). Dobráo-se as peças por cima, como se dobraria huma fita; e hum companheiro com dous bastões nas mãos a funda proporcionalmente, para evitar que as peças não se embaracem, e para que a ruiva faça o seu effeito ao todo com igualdade; estando no fim, vira-se de outra parte dobando-se sempre até que ferva a caldeira.

Deixa-se ferver por hum quarto de hora mais, ou menos, conforme as côres tiverem avivado; porém quanto mais se deixão ferver, mais as côres se esclarecem. Por este respeito se deve recear, que as côres pela força de as pollir, não se escoreção. Depois que se conhece que as peças tem recebido côr sufficiente, tirão-se, dobando sobre o malinete, como huma peça de fita. Logo se desdobão, e se lanção na ribeira prendendo-se na estaca, como já se disse; porque se as deixar sobre o molinete ao sahir da caldeira fervendo,

(1) Todos os tintureiros se servem deste instrumento.

do, ellas se mancharião todas, e as côres se escurecerião. He preciso fazer esta manobra todas as vezes que se usar dos banhos da ruiva.

A R T I G O VIII.

*Methodos differentes de branquear
as peças depois de passadas
na ruiva.*

HA muitos modos de branquear as peças, depois de passadas na ruiva, mas o melhor he deixallas n'agua por vinte e quatro horas, sahindo da ruiva, e depois de sahidas d'agua, batem-se bem no batedor, e se estendem sobre o prado: prendem-se com pequenas estacas nos quatro cantos, e de distancia em distancia ao longo das ourelas. Tem-se para isto pontas de barbante, que presas nas estacas prendem as ourelas das peças, seguras por alfinetes, de modo que todas as peças estando presas humas nas outras se conservão tezas. E estando assim bem firmes borri-

rifão-se com agua , logo que se seccão , com hum aguador , especie de regador feito com paz concavas , com que se vassão os bateis : fazem-se de madeira , e ou de folha de Flandres , e estas são as melhores , porque senão quebrão tão depressa , apanhão mais agua , e são mais leves , e consequentemente proprias a lançalla mais longe. He bem determinado ter no lugar reservatorios d'agua em canaes de distancia em distancia , de modo que se possam pôr oito , ou dez peças fronteiras entre dous canaes , dos quaes o borrifador tire agua na sua palheta para a lançar sobre as peças , tão rala como a chuva. He preciso ter o cuidado de não deixar seccar muito as peças , maiormente sendo o sol ardente , e tambem de ter a parte pintada por baixo.

Assim que se principiarem a branquear as peças , tirão-se para fora , e se fervem em quantidade d'agua sufficiente , na qual se tenha lançado de bosta de vacca huma parte , e dez de agua ; a qual tem a propriedade de alimpar as peças , e de avivar as côres : por este meio se embranquecem logo , e menos tempo ficão sobre o prado , o que faz grande vantagem.

ARTIGO IX.

*Modo de fazer o mordente preto
com ferros velhos, muito bom,
e experimentado.*

LAnção-se cinco libras de ferro velho bem lavado em hum tonel com doze canadas de bom vinagre : o tonel, estando levantado, terá em baixo hum registo, pelo qual se vasará o licôr tres ou quatro vezes ao dia, no espaço de cinco ou seis semanas, tornando sempre a lançar no tonel. Accrescentão-se mais cinco libras de ferro lavado, e tres libras de verdete com outro tanto de campeche, e duas onças de galhas pisadas: e quanto for mais velho tanto será melhor; e ajunta-se agua para rarefazer, se se engrossar muito.

ARTIGO X.

Composição para imprimir de preto, ou rôxo escuro.

Sobre cada camada deste licôr se lança meia onça de antimonio, e duas oitavas de vitriolo de Chipre: para fazer mais bello o preto ajunta-se ainda meia onça de limalha de cobre vermelho, queimado em agua forte, e reduzido em pó. Ferve-se tudo juntamente por meia hora, escumando-se sempre; depois gomme-se. Para cada canada de côr se precisa de humalibra de gomma arabia, ou quatro de povilhos bem desfeitos, e cozidos á parte.

AR-

ARTIGO XI.

Outro methodo de fazer o preto com limalha de ferro, bom para o preto, rôxo, e amarello solido: experimentado.

A Limalha bem limpá se põe a enferrujar sobre taboas de pão branco ao ar, depois de ter sido lavada em cinco ou seis aguas: borrifa-se de tempos em tempos com salmoura de arenques, e na sua falta com urina: estando bem enferrujado revira-se fazendo o mesmo, para que igualmente se enferruje da outra parte; e depois de pisada hum pouco se lança no tonel. Para cada libra de limalha se lanção seis canadas de vinagre: mudando-se o licôr, assim como antes se disse.

ARTIGO XII.

Preparação desta composição para imprimir em preto.

EM doze canadas deste licôr se lanção nove onças de antimonio , quatro de vitriolo de Chipre , e quatro de verdete , coze-se esta mistura do mesmo modo que a precedente ; para a gommar , precisão-se de tres libras e meia de polvilhos destemperados pouco a pouco em agua fria em vaso á parte. Retirada do fogo a côr , se lanção os polvilhos destemperados , e se mexe sem cessar , até que se esfrie a côr , e depois de passada por huma peneira fina , ou por hum panno de linho , se guarda para o uso.

ARTIGO XIII.

*Composição do primeiro rôxo, ou
rôxo escuro para a calanca.*

EM doze canadas do preto com limalha de ferro do Artigo XI. se ajuntão seis canadas de vinagre, tres libras de salitre, ou de sal de nitro, tres de sal gemma, quatro onças de vitriolo de Chipre, quatro de verdete; oito d'agua forte, tirada sobre a limalha de cobre vermelho. Coze-se como o preto, e gomna-se do mesmo modo.

ARTIGO XIV.

Methodo de passar agua forte sobre a limalha de cobre vermelho.

EM quatro libras de limalha deste cobre, se lança huma libra d'agua forte em frasco de vidro destapado, e exposto ao ar para não ser incommodado pelo fumo que lança: deixa-se este licôr trabalhar até que fique verde, como herva. Guarda-se esta dissolução em frasco para o uso: adverte-se que a libra de que se trata, he de dezaseis onças.

ARTIGO XV.

*Methodo de fazer segundo r6xo
para a calanca.*

TOma-se ametade de c6r preta do Artigo XI. e outro tanto de vinagre; e sobre doze canadas se p6em tres libras de salitre, tres de sal gemma, huma onça de vi-triolo de Chipre, meia de verdete, duas oitavas de sal ammoniaco; depois se coze, e gomma-se, como o primeiro.

ARTIGO XVI.

Segundo rôxo para a calanca.

Toma-se ametade da côr preta do Artigo XI. outro tanto de vinagre, e se põe sobre doze canadas seis libras de salitre, seis de sal gemma, e duas oitavas de sal ammoniaco, coze-se tudo, e gomme-se como as outras.

ARTIGO XVII.

*Terceiro rôxo para a calanca,
ou rôxo claro.*

Toma-se huma parte da côr preta do Artigo XI. e duas de vinagre, e para cada canada se ajuntão tres onças de salitre, huma e meia de sal gemma, meia de espirito de sal ammoniaco: tudo cozido, e gommado como as precedentes.

AR.

ARTIGO XVIII.

Outro methodo de fazer o terceiro rôxo em maior quantidade, e menos despeza.

EM huma caldeira lança sete baldes (1) d'agua clara, e outro tanto da côr preta do Artigo IX. ajuntando duas libras de sal gemma, faze ferver tudo juntamente por hora e meia, e escumar sempre bem. Vasa o licôr em huma tina, e deixa repousar por quatro dias: depois para o uso se toma a quantidade que se quizer, e ajunta-se por cada pote (2) huma libra de gomma pisada, que se dissolve na côr, ou bem quatro onças de polvilhos, que se destemperão em sufficiente agua fria; depois de cozida nesta agua, e passada por peneira, mistura-se com a côr para o uso. Adverte, que o balde contém doze potes, ou vinte e quatro canadas, medida de París.

AR-

(1) Hum balde contém 24 canadas.

(2) O pote he medida de duas canadas.

ARTIGO XIX.

Outro rôxo mais claro:

DEpois de ter posto na tina trinta e seis baldes d'agua gommada bem condensada, ajuntão-se treze baldes da côr preta do Artigo IX. e duas de sal gemma pisado, tudo bem misturada juntamente, ainda se lhe ajuntão tres baldes da mesma côr preta, e revolve bem tudo: pôde servir logo depois de passado em peneira.

ARTIGO XX.

Outro rôxo para os fundos.

COsem-se, e se escumão na fôrma ordinaria sessenta potes da côr preta do Artigo IX. gomma-se tambem este licôr, ajuntão-se depois sessenta potes d'agua, na

na qual esteja dissolvidas seis libras de cal viva , e cincoenta de salitre : misturado tudo se passa em peneira. Bom , e experimentado.

A R T I G O XXI.

Outro rôxo para calanca.

POem-se em vasilha de barro limpo sessenta potes da côr preta do Artigo IX. cinco potes d'agua gommada bem espessa , huma libra de sal gemma , estando tudo bem misturado : a côr fica feita.

A R T I G O XXII.

Outro rôxo mais claro.

JUntão-se seis potes de côr rôxa do Artigo XXI. e quatro de vinagre ; gomma-se ordinariamente ; experimentado por bom.

AR-

ARTIGO XXIII.

Outro rôxo mais claro.

ENcorporar seis canadas do rôxo escuro do Artigo XXI. em quinze canadas d'agua gommada: experimentado por bom.

ARTIGO XXIV.

Outro rôxo.

HUm pote de côr negra do Artigo IX. dous d'agua gommada bem espessa, e huma onça de sal gemma; tudo bem misturado passa-se em peneira: experimentado por bom.

ARTIGO XXV.

*Outro rôxo muito bello, e so-
lido.*

HE necessario pôr em huma tina, sobre dez baldes de banho de ferro feito com vinagre de vinho, ajuntando-se-lhe cento e cincoenta libras de ferraje velha bem limpa, deixa-se tudo em infusão por seis dias; ajunta-se ainda huma libra de sal de Saturno: depois tira-se ao claro, e gomma-se como as precedentes.

ARTIGO XXVI.

*Methodo de fazer o primeiro vera
melho para a calanca muito
solido.*

L Anção-se em vasilha de barro sete onças de pedra hume de Ronia pisada, humma e meia de sal ammoniaco, outro tanto de sal de nitro, ou salitre, humma d'arsenico vermelho, ou ouro pimenta, tudo bem pisado, e molhado juntamente em humma canada de vinagre, no qual se deixa esta mistura por vinte e quatro horas.

Tendo-se feito molhar a parte tambem em vinagre onça e meia de soda d'Alicante, muida bem fina, que será volvida pouco a pouco até que não fermente mais, lança-se com as drogas precedentes: ajuntando-se mais meia onça de sal Saturno com canada e meia d'agua, ferve-se tudo junto por alguns minutos, revolvendo-se continuamente. Gomma-se com polvilhos na fôrma ordinaria.

AR-

ARTIGO XXVII.

Segundo vermelho para calanca.

Misturão-se quatro onças de pedra hume de Roma, hum de sal ammoniaco, meia de salitre, duas oitavas de pimenta, meia onça de soda d'Alicante, duas de pedra hume queimada; estando tudo em pó, meche-se bem, e lança-se por cima canada e meia d'agua corrente toda gommada, tendo o cuidado de a mecher até que tudo seja dissolvido: fica a côr concluida.

ARTIGO XXVIII.

Outra qualidade de vermelho para calanca.

EM duas canadas d'agua se lança huma libra de pedra hume de Roma, que será dissolvida sobre o fogo, ajunta-se depois onça e meia d'arsenico branco, e outro tanto de fezes d'ouro, quatro de sal de Saturno, meia d'antimonio, meia de sublimado corrosivo, huma de soda d'Alicante em pó fino: dissolvido tudo em fogo brando gomme-se pela fórma ordinaria, pondo-se a vigesima parte de hum pote da côr preta do Artigo IX. ter-se-ha hum vermelho muito carregado atirando a purpura: experimentado.

ARTIGO XXIX.

Outro vermelho muito bello.

Dissolvem-se em sufficiente quantidade de vinagre quatro onças de pedra hume de Roma , meia de sublimado corrosivo , huma d'arsenico branco , meia de sal de Saturno , e meia de soda d'Alicante ; ajunte-se meio copo d'espírito de vinho , e tudo se mistura bem em tres canadas d'agua gommada : fica feito o vermelho.

ARTIGO XXX.

Terceiro vermelho para a calanca fina.

Dissolvida em dous potes d'agua huma onça de pedra hume de Roma , outra de arsenico branco , huma oitava de soda d'Alicante , delida em vinagre , e a quarta

ta parte de hum copo d'espírito de vinho, como se disse acima: he optimo.

ARTIGO XXXI.

Outro excellente vermelho para tingir as teas finas em grande quantidade.

DIssolvem-se sessenta libras de pedra hume de Roma em quarenta e oito baldes d'agua, que se lanção em huma tina com duas libras de gengibre de dourar, ou de urucú; ajuntando-se depois seis libras de soda d'Alicante, seis de sal ammoniaco, oito de *salsfaris*, e ainda seis baldes d'agua quente, sendo tudo bem mexido, e misturado, deixa-se repousar por vinte e quatro horas. Sendo gommado com gomma arabia, precisão-se de cento e dez libras della desfeita com pedra hume; e sendo com polvilhos de dez, ou onze libras desfeitos, e cozidos á parte, e depois passados em peneira misturão-se com a tinta.

ARTIGO XXXII.

*Outro vermelho muito bello para
imprimir sobre as teas sem
galhas.*

L Anção-se em huma vasilha de vinte e oito canadas seis libras de pedra hume de Roma em pó, deitão-se por cima dez canadas d'agua quente, meia libra de soda d'Alicante, e meia de sal de Saturno: deixa-se de molho esta mistura por quatro dias, revolvendo-se todos os dias por duas vezes; no fim deste tempo ajuntar-se-hão dezaseis canadas d'agua gommada bem espessa: Está feita a tinta.

ARTIGO XXXIII.

Outro vermelho carregado , chamado vermelho fino.

POem na tina cento e dez libras de gomma em pó , lança por cima cento e oito potes d'agua bem quente , e mexe-se sempre até que a gomma fique dissolvida : ajunta cinco libras de vitriolo commun , cinco de *salsfaris* , vinte e cinco de pedra hume de Roma , dissolvida em quinze canadas d'agua á parte ; que se lança por cima de tudo , ferve a côr por hum quarto de hora , mexendo-se sempre até ficar tudo bem dissolvido , querendo a côr mais escura , ajunta-lhe huma libra d'urucú , ou hum copo de côr preta do Artigo IX. passando-se tudo em peneira , emprega-se para o uso.

ARTIGO XXXIV.*Outro vermelho.*

Dissolvidas cincoenta e cinco libras de pedra hume de Roma em quatro baldes d'agua quente , ajuntão-se seis libras de cal de chumbo , ou d'alvaiade destemperado á parte , tres de soda d'Alicante , tambem destemperada á parte , e da mesma sorte vinte e duas libras de sal de Saturno dissolvido á parte , tudo misturado , bem volvido deixa-se repousar por vinte e quatro horas : depois lanção-se oito baldes d'agua gommada ordinariamente , e passado em peneira , serve para o uso.

ARTIGO XXXV.

*Outro vermelho para a patenace,
e bom.*

P Oem-se em huma caldeira duzentas libras de gomma pisada , e por cima quatorze baldes d'agua quente , mechida bem até dissolver-se , ajuntão-se-lhe dez libras de soda d'Alicante destemperada á parte , e da mesmo sorte seis d'arseniço branco destemperado tambem á parte , e cincoenta de pedra hume de Roma , dissolvida á parte em seis baldes d'agua quente , na qual se lanção seis libras de ruiva , que se põe com pedra hume nos seis baldes d'agua quente : depois se ajunta tudo na tina d'agua gommada ; e ainda mais cinco libras de greda branca destemperada á parte. Sendo os ingredientes bons , a côr deve augmentar-se : e por isso precisa-se de caldeira grande bastantemente para não perder-se.

ARTIGO XXXVI.

*Outro vermelho para patenace
bello , e bcm.*

TEndo posto em huma tina assás grande cento e doze libras de pedra hume de Roma , lanção-se por cima nove baldes d'agua tepida , deixando dissolver-se por vinte e quatro horas ; depois se ajuntão oito libras d'alvaiade destemperada á parte , e da mesma sorte dissolvidas á parte vinte e cinco de sal de Saturno , e quinze baldes d'agua gommada ordinariamente : misturado tudo , e passado em peneira serve para o uso. Experimentado.

ARTIGO XXXVII.

Outro vermelho para o mesmo.

POem-se em tina quarenta e seis libras de pedra hume de Roma, lançando-se por cima cinco baldes d'agua, deixa-se de infusão por vinte e quatro horas: ajuntão-se seis libras d'alvaiade dissolvida á parte, e quatro de soda de Alicante tambem destemperada á parte; e seis de sal de Saturno; misturado tudo em dezasete baldes d'agua gommada, passa-se em peneira na fórma ordinaria.

AR-

ARTIGO XXXVIII.

Outro vermelho Inglez.

POem-se em vasilha de trinta canadas oito libras de pedra hume pisada , huma de soda d'Alicante pisada , e destemperada em vinagre , huma d'arsenico branco destemperado em agua , e duas onças de potassa : lanção-se por cima dez canadas d'agua quente , e meche-se tudo bem : ajunta-se huma libra d'alvaiade destemperada á parte , huma de sal de Saturno , huma de fezes d'ouro , huma quarta d'ouro pimenta , e dezoito canadas d'agua gomada : revolvido tudo bem por meia hora passa-se em peneira.

ARTIGO XXXIX.

*Outro excellente vermelho para
teas finas.*

L Anção-se seis libras de pedra hume de Roma em pó em vasilha de vinte oito canadas , pondo-se por cima doze canadas d'agua quente , mexe-se por huma hora ; ajuntando-se huma libra de soda d'Alicante desfeita á parte , duas onças de vitriolo de chipre , e duas oitavas de salitre , mexe-se tudo juntamente ainda por huma hora : ajuntão-se depois tres libras de sal de Saturno , lançando-se por cima do todo quatorze canadas d'gua gommada , deixa repousar a côr por vinte e quatro horas , para depois servir para o uso.

ARTIGO XL.

Outro vermelho mais bello.

Sobre vinte e huma libra de pedra hume de Roma em pó deitão-se quarenta e oito canadas d'agua fria, e revolvido tudo ; ajuntão-se duas onças de vitriolo de chipre, quatro libras de soda d'Alicante destemperado á parte, tres de sal Saturno, e vinte oito canadas d'agua gommada bem condensa, e mexendo-se bem tudo juntamente, a côr fica feita.

ARTIGO XLI.

*Methodo de fazer o segundo , e
terceiro vermelho para a ca-
lanca.*

Misturando-se bem partes iguaes do
vermelho do Artigo XXXIII. e d'agua
gommada: e para fazer o pequeno verme-
lho , misturão-se partes iguaes do segundo
vermelho deste Artigo , e d'agua gom-
mada.

ARTIGO XLII.

Para fazer vermelho rosado.

EM huma libra de pão brasil, que tenha sido infundido por vinte e quatro horas n'agua da chuva, ou de rio, lanção-se oito canadas da mesma agua, meia onça d'agarico raspado, e huma oitava de cantaridas; ferve-se tudo até á diminuição d'ametade; passa-se em peneira, e para o uso ajuntão-se duas onças de pedra hume de Roma em pó, ou de cremor de tartaro mais, ou menos á proporção do que se quizer carregar a côr; para gommar são precisas tres quartas de gomma arabia para cada pote de côr.

ARTIGO XLIII.

*Para fazer côr de noz moscada,
e d'encarnado para impri-
mir os fundos.*

Para a moscada, mistura huma porção do vermelho do Artigo XXXIII. com tres porções de preto do Artigo IX. Para fazer o encarnado põe-se sobre dez porções do mesmo vermelho, huma do mesmo preto.

ARTIGO XLIV.

*Methodo para ferver as peças
sem ruiva.*

EM vinte e quatro canadas d'agua corrente põe-se humo do coziimento mostrado no Artigo XLII. e passão-se as peças, como na ruiva, á excepção de que se tirão antes que a caldeira ferva : branquea-se pelo methodo ordinario.

ARTIGO LXV.

*Methodo de ferver as peças na
cochonilha.*

Fervem-se em vasilha de barro de dez canadas d'agua com meia libra de cochonilha por meia hora ; muda-se depois para a caldeira , onde se hão de ferver as peças , e para cada canada desta côr ajuntão-se vinte e quatro canadas da mesma agua , e passão-se as peças como na rui-
va.

ARTIGO XLVI.

Outro methodo de server as peças, a saber: em preto, côr de limão, côr de azeitona: boa tinta.

AS peças devem ser imprimidas com vermelho, e preto ordinario; e para fazer a côr azeitonada, imprime-se com a mistura de partes iguaes do pequeno vermelho, e do pequeno rôxo; depois se faz hum forte cozimento de giesta, herva amarella com agua da chuva: estando limpa, divide-se em duas partes, lança-se fóra á parte da raiz, e só fica servindo a outra: põe-se em hum vaso desta côr vinte e quatro canadas d'agua corrente; fervem-se as peças dentro como na ruiva, assim como se tem explicado no Artigo VII. Vê-se com prazer, que tudo o que se tem imprimido em preto, fica preto, o vermelho se faz côr de limão, e a mistura do pequeno rôxo, e do pequeno vermelho côr d'azeitona. Branqueão-se na fórmula acima dita.

AR-

ARTIGO XLVII.

*Para fazer amarello solido para
imprimir.*

A Quantidade, que parecer, de lima-
lha de ferro preparada, como no Artigo
XI. poem-se em hum tonel, e para cada
libra se deitão por cima seis canadas de vi-
nagre bom de vinho por cada libra; meia
onça d'ouro pimenta do mais amarello,
hum a oitava de verdete, hum a pitada d'
açafraão; desfeito tudo bem com vinagre,
deixa-se em infusão por seis semanas, mu-
dando o liquor todos os dias tres, ou qua-
tro vezes, e vasando-o sempre por cima.
Depois coze-se, escuma-se, e gomma-se,
como as mais.

ARTIGO XLVIII.

Para fazer azul solido para pintar, e para imprimir.

Poein-se em vaso de barro novo quatro onças de cal viva , e quatro de soda d' Alicante em pó : fervem-se as duas drogas juntamente : ao depois filtra-se esta lexivia por papel pardo , e sobre nove onças deste liquor poem-se huma onça d'anil bom , bem desfeito na mesma lexivia , meia onça d'arsenico vermelho , ou outro pimenta , duas e meia de potassa , e outro tanto de gomma arabia em pó. Coze-se tudo juntamente , até que appareça por cima hum brilhante , como de cobre vermelho : he experimentada.

ARTIGO XLIX.

Outro azul solido sem anil.

POem-se em vasilha nova tres onças de cal viva, duas de soda d'Alicante em pó, meia de tartaro de Montpellier em pó, e tres canadas de agua da chuva. Ferve-se tudo por meia hora; filtra-se esta lexivia por papel pardo, e sobre meia canada della se ajuntão quatro onças de *lacmours* de Inglaterra (são hūmas pequenas pedras azues); meia d'ouro pimente, seis de gomma arabia, muido bem tudo, coze-se, como a percedente. Experimentado.

ARTIGO L.

*Methodo de imprimir o azul
solido.*

EM vez da cal , como se disse precedentemente , ferve-se a semente de linho em sufficiente quantidade d'agua , e se lança tudo em hum balde grande , em lugar d'agua gommada. Mette-se depois hum caxilho de panno encerado , que nade por cima desta droga ; mette-se ainda outra grade , que entre nesta , cujo fundo deve ser de chapéo castor , ou de pelle de camurça , sobre que se estende a côr. He preciso ter grande cuidado , largando-se da obra , de alimpar bem n'agua a fôrma servida , e o caxilho de pelle , e tambem he preciso , que as peças , que se imprimem , sejam mui bem passadas na calandra.

ARTIGO LI.

*Outro azul solido para se dar com
o pincel.*

E Moito canadas d'agua limpa se poem seis onças de potassa , ou de cinzas de borras de vinho , duas de tartaro de Montpellier em pó , meia de anil moído fino , huma libra de cal viva em pó , e posta pouco a pouco na vasilha , ferve-se tudo junto por meia hora , e gommado com asucar candi , até que não passe o panno da tea.

ARTIGO LII.

*Outra qualidade de azul para
imprimir.*

Pondo-se em huma caldeira vinte libras de páo brasil moido, se lança por cima quatorze baldes d'agua; deixa-se de infusão por vinte e quatro horas sobre fogo brando, para se conservar sempre quente; ajunta-se depois quatro onças de ruiva, duas de pedra hume de Roma, quatro d'anil moido fino, augmenta-se o fogo, que ferva até a diminuição d'ametade: passa-se em peneira, quando quizer usar della, se ajunta em cada pote meia onça de vitriolo de Chipre em pó, gommando-se com gomma arabia.

ARTIGO LIII.

Methodo de fazer o azul, chamado Inglez.

E Ste azul só se faz sobre teas finas, e unicamente se necessita, para o imprimir, de anil bem desfeito com a lexivia da potassa.

Para se fazer esta lexivia, ferve-se huma libra de potassa em tres canadas d'agua corrente, até a diminuição da terça parte. Filtra-se esta lexivia em papel pardo; e, para o uso, he preciso moer o anil bem fino; e ralo em consistência de papas, para imprimir.

Os desenhos, que se fazem para qualidade de chitas, devem ser gravados muito subtile, e tudo sombras; porque só se grava para huma côr: estando a peça imprimida, deixa-se seccar por vinte quatro horas, depois passa-se pelos banhos, que se dirá adiante; que devem estar preparados.

Composição da primeira infusão.

Dissoavidas cincoenta libras de cal em vinte e cinco baldes d'agua corrente, e depois de estar extincta, e de não fermentar mais, deixa-se repousar, e se tira esta agua clara para outra tina por inclinação: a qual deve ser assás larga, para que as peças possam entrar dentro todas desenroladas, como se dirá ao depois.

Composição da segunda infusão.

Em vinte cinco baldes d'agua corrente, em huma caldeira sobre o fogo, se lanção vinte libras da boa potassa, que ferverá por huma hora, revolvendo-a de tempos em tempos com hum páo, depois se deixa esfriar, e se tira agua clara para huma tina tão grande, como a primeira.

Note-se que, fazendo-se ferver a potassa, se põe hum sacco de panno forte suspendido por hum barbante em hum páo atravessado na caldeira, no qual sacco por-se-hão duas libras de rosalgar em pa:

palhetas de ouro, e em pó, conservando-o todo o tempo, que a caldeira ferver.

Composição da terccira infusão.

Poem-se em huma tina da mesma grandeza, que as precedentes, quatro partes d'agua corrente, e huma d'espírito de vitriolo, e se faz desta mistura, quanto iguale a mesma quantidade das outras duas.

Methodo de passar as peças pelas infusões.

Nas tres infusões, estando assim preparadas, se passam as peças por meio do molinete estabelecido por cima de cada tina. Principiando pela infusão da cal, passa-se a peça sempre andando, e desandando por hum quarto de hora. Tirada da primeira infusão, passa-se logo pela infusão da potassa do mesmo modo, e tempo. A peça nesta segunda infusão deve ficar muito suja, e de côr de cinzas. Tira-se, e se passa com a maior presteza possível na infusão de vitriolo, até que a peça fique branca: então o azul imprimido com anil tão sómente he boa tinta.

Estas mesmas tinas podem servir até

á sua extinção , a excepção da do vitriolo , que he preciso reforçar , estando fraco. *Este segredo foi tirado de hum famoso colorista Inglez. Experimentado.*

ARTIGO LIV.

*Bello , e bom verde para imprimir.
Experimentado.*

QUinze libras de páo brasil moido posto em huma caldeira , dez de páo amarello , ou de campeche , quatro onças de cal viva , doze baldes d'agua , depois de ferver até consumir a terça parte , decanta-se , e se ferve todo este liquor extrahido por huma hora , com oito libras de grãos d'Avinhão pisado : coa-se a côr por huma peneira , conservai-se em vaso bem tapado. Gomma-se á proporção do que se serve , e se accrescenta por cada canada duas oitavas de verdete em pó : he muito bom , e experimentado.

ARTIGO LV.

Outro verde.

EM doze baldes d'agua se lanção dezase-
te libras de pão brasil moido , onze de pão
amarello , quatro onças de urucu , e quatro
de cal viva , ferve-se tudo até diminuir a
terça parte , e passa-se em peneira : ferve-se
depois com nove libras de grãos d'Avi-
nhão pisados : e finalmente gommada , e
preparada como o verde antecedente.

ARTIGO LVI.

*Para se fazer hum bello amarello
de imprimir, e bom para
os fundos.*

EM meio balde d'agua se infunde huma libra de galha pisada : depois, pondo-se sobre o fogo huma caldeira com cinco baldes d'agua , nella se lança a infusão da galha com vinte libras do páo amarello , e dez de semente d'Avinhão pisada : coze-se tudo junto até diminuir ametade , ajuntão-se tres libras de pedra hume crystallina desfeita á parte : passa-se tudo em peneira , e se gomma com gomma arabia.

ARTIGO LVII.

Outra qualidade de amarello , para se dar a pincel.

Pondo-se duas onças de semente d'Avinhão pisadas , huma de páo amarello , huma de cascas de laranjas , huma de cascas de romã em tres canadas d'agua corrente , ou da chuva , deixão-se d'infusão por vinte e quatro horas ; depois , cozem-se por duas horas , e se lhe ajunta meia libra de pedra hume em pó , dissolvida á parte , e a gomma necessaria : e se quizer a côr mais ajunquilhada , se lança huma pouca de agua forte , extrahida com sal gemma , ou com cal viva.

ARTIGO LVIII.

*Modo de se fazer o azul em frio
para lenços de duas faces.*

Põem-se em huma tina de páo branco para cada libra d'anil moido fino, duas de caparosa, quatro de cal viva, e doze canadas d'agua: deixa-se tudo de infusão por vinte e quatro horas, em cujo espaço se mexe de tempos em tempos: tem-se prompta outra agua tirada de cal viva, huma libra para cada balde: ajuntão-se desta segunda quatro baldes para cada hum da primeira: deixa-se de infusão por oito dias, mexendo-se quatro vezes ao dia, depois dos quaes, se experimente, molhando-se huns pequenos pedaços de panno de linho, ou de algodão. Conhecer-se-há a bondade da côr, se as amostras forem bem verdes ao sahir da tina, e azues depois de lavadas. Quando a tina se enfraquece, se reforça, pondo huma pouca de cal viva, e de cinzas graveladas, ou de sarro de vinho em pó.

AR-]

ARTIGO LIX.

Composição para fazer a reserva.

P Recisão-se , para cada canada d'agua , seis onças de gomma pisada , duas oitavas de polvilhos , desfeito n'agua fria , meia onça de therebentina , duas oitavas de cebo de véla , o que tudo ferverá por meio quarto de hora , e tirado do fogo , se lhe ajuntão oito onças de barro de caximbo desfeito n'agua , com os polvilhos ; misturado tudo se mexe sem cessar até esfriar : estando o liquor muito claro , ajuntar-se-hão polvilhos , e cebo , o que for preciso : imprime-se com esta composição todo o branco , que se quer reservado em fundo azul , e todos os fundos , que se tingem , em tina , a frio.

ARTIGO LX.

*Outra composição para fazer as
chitas azues, e brancas, cha-
madas porcelanas.*

Dissolvem-se em quatro canadas d'agua oito onças de gomma em pó, e com esta agua sobre o marmore se moem oito onças de barro de panella, e outro tanto d'arsenico branco, desfeito á parte com a mesma agua: misturando-se depois, se lhe ajuntão quatro claras d'ovos, e a quantidade, como hum noz, de pó de sapatos, não se põe toda a agua da gomma por hum vez, mas sómente a que for necessaria, para que a composição seja bastante condensa, para imprimir.

ARTIGO LXI.

Methodo de fazer os campos pardos de perola.

A Côr azul do Artigo XLVIII. se ajuntão quatro tantos d'agua , o que fervido , se lança em hum balde proprio para passar as peças , e , estando frio , se passam com o molinete. He preciso , antes de passar as peças , que a composição da reserva esteja bem secca : fazem-se os campos tão escuros , como se quer , repassão-se as peças por muitas vezes : depois se lavão , para tirar a composição , que tiver cuberto as flores.

ARTIGO LXII.

Para se fazer o campo azeitonado;

Fervem-se juntamente a herva lirio dos Tintureiros, com outro tanto de páo amarello por duas horas, com huma quarta parte de porassa: tendo n'agua o páo brasil a parte já de vespera, ferve-se com hum pouco de verdete: mistura-se esta tintura com a primeira, á proporção que se quizer ter a côr mais, ou menos carregada. Passão as peças, como no Artigo antecedente.

ARTIGO LXIII.

*Segredo para renovar a côr preta
e roxa , que o Sol tiver alte-
rado sobre o prado.*

Sobre duas onças de páo brazil se lan-
çam tres canadas d'agoa , que se coze até
consummírametade: deita-se este cozimen-
to em huma grande caldeira, e para cada
canada se ajuntão dés canadas d'agoa cor-
rente: estando tudo bem quente, passão-
se as peças , que não tem muita côr, fa-
zendo-se a mesma operação, como quan-
do se passa pela ruiva, se não for preci-
so deixar ferver as peças. Lavão-se, e
põem-se sobre o prado para as branquear.

ARTIGO LXIV.

*Receita para tirar manchas , que
poderião apanhar as peças
no seu fabrico.*

POem-se labaca do campo em vasilha de barro , que se enche com bom vinagre , cobrindo-se bem , deixa-se d'infusão até que se amarelle , e se corrompa ; depois ferve-se hum pouco , e fóra do fogo se lhe ajuntão duas oitavas d'espírito de vitriolo para cada canada , e huma colher cheia de sumo de limão. Para impedir , que este licor não corra , pondo sobre as manchas , se-lhe ajunta , fazendo-o cozer , humma onça de sabão pardo por cada canada ; depois , com hum pincel se poem sobre as manchas todas , em quanto as peças ainda estão sobre o prado.

ARTIGO LXV.

*Segredo para tirar as cores azues,
verdes, e amarellas.*

POêm-se em quarenta e oito canadas d'agoa libra, e meia de pedra hume de Roma, huma de tartaro, ou borras de vinho, e onça e meia d'agua forte: ferve-se tudo junto, e deixa-se esfriar; então se molhão neste cozimento por muitas vezes as peças: lavadas assim todas, se repassão em huma caldeira d'agua da potassa, ou de sarro de vinho, calcinado com hum pouco de sumo de limão, ou de bom vinagre.

ARTIGO LXVI.

Para dar hum bello lustre as peças , depois de acabadas , e alvejadas.

E Stando as peças alvas , lavão-se bem n'agua corrente , fazendo-se depois cozer sufficiente quantidade de polvilhos em consistencia de papas , em que se poem , quando se coze , hum pouco d'anil moido bem fino com ourina , observando não pôr mais do que he preciso , para dar hum lustre azulado ao polvilho. Quando se der o aparelho ás peças , se lança em huma tina tanto d'agua , como de polvilhos , e torcem-se as peças sobre esta tina , para não perder o aparelho , que sahe dellas. Estando as peças seccas , alizão-se , e passam-se na calandra , e vão para o aparelho d'assetinar para lhes dar o lustre , depois de ter esfregado com cêra.

ARTIGO LXVII.

Instrucção para pôr os azues, amarellos, e verdes, depois que as peças sahirem do prado.

HA muitos methodos de pôr os azues, amarellos, e verdes sobre as chitas: huns os poem com a forma, outros com o pincel: este ultimo he o melhor: eu vou com tudo explicar os dous, para que se conheça a vantagem d'hum, e do outro. Os que poem as côres com forma, devem gravar as chapas, o que se chama, entrada de novo; estende-se o azul, e o amarello no caxilho, como as mais côres, advertindo, que são precisos caxilhos proprios. Imprime-se primeiramente o azul, depois lava-se a peça sem demora, deixando-a hum pouco molhada, depois secca-se para a applicação do amarello, que se imprime da mesma sorte. Com estas duas formas se fazem tres cores, que são azul, verde,

e amarello ; todos os verdes , e azues
devem ser imprimidos com a forma azul ;
todos os amarellos , e verdes se fazem
tambem com a forma amarella. Facilmen-
te se comprehende , que tudo , que deve
ser verde , he imprimido d'azul , e ama-
rello , que as flores azues não se cobrem
d'amarello , e nem as amarellas d'azul.

*Fim dos segredos concernentes ao fabrico
das Chitas.*

P A R T E II.

Methodo simples, verdadeiro, e infallivel de fazer todas as cores liquidas, que serve para pintar téas de seda, em miniatura, para assentar bem as cores nos desenhos, planos, tingir papeis, palhas, e cabellos. As cores não prejudicão os pannos, como alguns affirmão: tem-se experimentado ao ar livre, e ao Sol.

N U M E R O I.

Para fazer o melhor encarnado liquido mais bello que o carmin.

E Erve-se em humma vasilha, ou cafeteira de louça vidrada preta, e nova humma onça de carmin do melhor, com meio quartilho d'agua da chuva, ou do rio clari-

rificada. Tendo fervido por quatro ou cinco minutos, se lhe lança dentro a oitava parte de meio quartilho d'espírito de sal ammoniaco pouco a pouco; porque faz engrossar a côr, como o café: em consequencia he preciso ter huma cafeteira, que tenha o dobro, do que se quizer fazer, da côr: depois de lançado dentro todo o espirito, se ferve por dous minutos, e se deixa esfriar, e precipitar na mesma vasilha por vinte e quatro horas, no fim das quaes se lança por inclinação em huma garrafa limpa, até que se percebão as fezes. Deve-se conservar cuidadosamente esta côr para o uso, e ver-se-ha a belleza, e a tenacidade, pondo-se entre os dedos.

Observar-se-ha que, na factura desta côr, he preciso mexella, como o café, com huma colher de prata, ou espatula de pão branco. Tornão-se a ferver as fezes, como acima, com a mesma quantidade d'agua, e de espirito de sal ammoniaco, e se dirige da mesma sorte a operação. Isto produz hum vermelho, quero dizer, huma côr de rosa tão bella, como pôde produzir a Natureza.

N U M E R O II.

Methodo de fazer hum vermelho escuro , tão raro , e tão pouco conhecido , do qual Mr. Stoupan se serve para fazer os seus bellos pasteis vermelhos , que ninguem tem podido fazer como elle até o presente.

H Uma libra de pequenas lascas de pão brasil , que seja bom , postas em hum frasco de boca larga , como os que servem para o doce de cerejas , que contenha quatro canadas de França , em camadas de altura de quatro dedos , e sobre cada camada se põe huma onça de pedra hume de Roma fina , passada em peneira , de sorte que se fação só quatro camadas , e em cada huma se deitará huma onça de pedra hume por cima das lascas , ficando a pedra hume por cima da ultima camada : encha-se o frasco com ourina de homem , que seja fresca , e sem ter deposição alguma no fundo , porque isso transtornará

a côr. Expõe-se depois o frasco não muito cheio, mas bem tapado, ao Sol por hum mez, no fim do qual se conclue a tinta.

Experimentando sobre hum papel, achar-se-ha hum vermelho rosado, e bello, e que seccando se faz escuro: entretanto esta côr se destina para fazer o bello vermelho escuro, e avelutado. Para obter-se, se põe em hum prato de louça vidrada, e misturado com as fezes de carmin, que restar da côr antecedente, enchendo-se tão sómente ametade, expõe-se ao ar livre, ou sobre huma janela, ou em outra parte: vendo-se que a côr está secca, torna-se a pôr outra, e se continua assim, até que fique bastantemente carregada. Gomma-se com gomina Arabia; por quanto he facil de se gommar depois de enxuto. Querendo-se a côr bella, e avelutada, he preciso sempre, que se empregar, tenha por baixo o bello vermelho feito com carmin: a belleza desta côr he maravilhosa. Igualmente se póde fazer sem Sol, pondo-se o frasco, que a contém, tapado, sobre a parte posterior de hum forno, que continuadamente se aqueça.

N U M E R O III.

Modo de fazer todas as qualidades de roxos , principalmente o bello rôxo avelutado , e tão raro , que todos os artistas procurão.

EM hum frasco semelhante aquelle do num. II. se ponha , em lugar do páo brasil , campeche , ou páo roxo , tambem em lascas miudinhas , e preparado exactamente da mesma sorte , como o do num. II. á excepção de que , em lugar da pedra hume de Roma , he preciso pôr a ordinaria. Depois de ter estado por hum mez ao Sol , ou ao calor do forno , se faça evapotar da mesma sorte a côr no prato de louça vidrada , gommado-a com gomma Arabia. Como ha muita escolha nos roxos , e que se faz desde a purpura até o azul , eu darei aqui o methodo de fazer alguns por meio destes liquores. Esta toda pura faz hum verdadeiro rôxo , igual ao das flores d'amores perfeitos. Para se ter hum pouco mais

mais carmezim, se ajuntará á vossa vontade o liquor num. II. que concorda perfeitamente; o que fará sempre hum bello rôxo avelutado. Pintando-se grandes partes, como pannos, ou grandes flores, ajunte-se hum pouco de liquor azul, o que faz todas as qualidades de roxos.

N U M E R O IV.

Segredo para fazer differentes amarellos singulares, que totalmente não se evaporão posto ao ar, como os que de ordinario se tem.

QUasi todos sabem fazer amarello; mas ninguem tem achado o segredo de o fazer duravel como os tintureiros, que tingem em quente. Podem-se fazer amarellos com muitas differentes drogas, como guta gamba, grãos d'Avinhão, lyrio dos tintureiros, açafraão, urucú, gengibre de dourar, flores de romã, e de giestas, etc. mas eu os faço da maneira seguinte.

Amas

Amarello de limão.

Em hum frasco , como se disse ao num. II. , se mettão sementes d'Avinhão bem pisadas miudamente , enchendo-o de ourina de homem clarificada , na qual se dissolverá meia libra de pedra hume em pó : depois de bem tapado , e posto ao Sol , ou sobre forno por hum mez , fica a côr completa , a qual se não precisa evaporar porque vou a explicar outras amarellas mais fechadas : esta côr gomma-se com muita gomma Arabia.

N U M E R O V.

Amarello côr de ouro.

TEndo-se desfeito huma libra de urucú em pedra em seis canadas de ourina de homem , se faz ferver esta mistura em caldeira de cobre por huma hora , lança-se depois meia libra de cinzas graveladas. Observa-se que a côr não se estufe , porque chegaria a lançar por fóra , não sendo o cal-

caldeirão bastante grande: então tira-se ao claro por inclinação, e guarda-se em frascos: esta côr faz na pintura sobre a seda, o que os ocrez fazem na pintura a oleo; mas são mais bellas, e mais douradas.

N U M E R O VI.

Outro amarello côr d'ouro, soberbo.

HUma onca de gomma laca reduzida em pó, meia oitava de sangue de drago, e meia de gengibre de dourar, tudo reduzido a pó com meia canada de espirito de vinho, misturado tudo se deixa de infusão por vinte e quatro horas, depois de posto em banho de mária, se deixa dissolver lentamente tudo o que puder ser dissolvido: depois de sahir do banho se põe hum gota sobre a seda, se a côr se embeber de sorte que se não possa escrever com ella, he preciso evaporar o espirito de vinho, até que não corra mais, e que possa suster hum risco fino. Esta dose repetida por seis vezes pôde fazer duas canadas de côr; a gomma laca lhe he só
pro-

propria, porque não soffre outra mistura.
Experimentado.

N U M E R O . VII.

*Methodo muito raro de fazer azul
em liquor.*

O Mais bello azul de Prussia, que se puder achar, se põe em huma escudella de louça vidrada limpa, e se lança por cima espirito de sal marinho fumante, até sobrenadar: isto ferve, e reduz o azul de Prussia em massa. Deixa-se assim por vinte e quatro horas, e depois de lançar agua por cima, se guarda em frasco; com duas onças de azul de Prussia, se pôde fazer huma canada de tinta. Este azul só admite a gomma alcatira: elle he muito escuro, mas se gradua á vontade, pondo-lhe agua gommada com a mesma alcatira.

N U M E R O VIII.

Methodo de fazer todas as qualidades de bellos verdes , sem o verde de bexiga.

Misturando-se quatro canadas de verde d'agua com outro tanto do amarello côr de limão do num. IV., vem dar hum bellissimo verde claro. Eu ensino a factura do verde d'agua , para os que o não souberem fazer.

Meia libra de verdete bem secco , humma quarta de tartaro de Mompelier , ambos reduzidos a pó , e misturados juntamente com humma canada d'agua da chuva , ou do rio , se põe dentro de hum frasco bem tapado , o qual será revolvido duas vezes ao dia , por espaço de oito dias ; e depois de filtrado este liquor por papel pardo , dará hum bellissimo verde d'agua.

N U M E R O IX.

Verde do prado.

MEia canada de amarello do num. IV. sem ser gommado , mistura-se com tanto liquor azul do num. VII. quanto o escureça bastantemente. Este verde he muito bello , e não desmaia : a experiencia destas misturas fará conhecer , que se podem fazer muitas variedades de verdes : com estas cinco côres , a saber : vermelho , rô-xo , amarello , azul , e verde se podem fazer geralmente todas as tintas , que ha na Natureza. Eu darei aqui exemplos dos diversos effeitos que resultão da mistura destas cores , para guiar os artistas a fazer as tintas , que com individuação desejarem fazer , sem perder o tempo , nem a côr.

N U M E R O X.

*Experiencias feitas sobre as côres
em liquor com as tintas, que
dellas resultão.*

Misturando o vermelho num. I. com o rôxo do num. III. faz huma purpura muito bella: pondo-se mais, ou menos de hum, e de outro, faz hum carmezim mais, ou menos vermelho.

Misturando hum pouco de vermelho do num. I. com o amarello côr de limão num. II., faz a côr de laranja, d'ouro, e de romãa.

O vermelho num. I. misturado com o verde do prado num. IX. faz muito bella côr de madeira para eirados, e troncos de arvores.

O amarello, côr de limão num. IV. unido com o rôxo totalmente puro num. III. produz a côr de ferrugem preparada, e bem altiva: ajuntando o amarello côr de ouro num. V. será a ferrugem dourada: ajuntando-lhe ainda o vermelho num. IX. sahirá muito escura, e avelutada.

O vermelho num. II. incorporado com o amarello côr de limão num. IV. faz côr d'aurora: ajuntando-lhe hum pouco d'azul num. VII. a côr será de madeira escura muito bella.

Alvaiade moida com agua gommada muito clara, misturada com hum pouco do vermelho num. I. fôrma huma côr maravilhosa.

Fazendo huma mistura de pouca alvaiade precedente com o vermelho num. II. produz côr de carmezim altivo.

Pequena quantidade deste alvaiade sem ter gomma com o azul num. VII. faz azul excellente, que nunca desmaia.

A mistura deste branco gommado todo com a do vermelho num. I. e do amarello côr de limão num. IV. faz diversas cores de carne.

Misturando-se o amarello côr de ouro num. V. com o rôxo num. III. faz côr de terra muito excellente, e sempre em liquor. Geralmente se podem fazer as tintas que quizerem em todas as especies; e por meio d'alvaiade se fazem as mais bellas, e mais brilhantes côres, que todas as que tem apparecido até o presente.

O Author só escreveo o methodo de fazer estas côres depois, de ter experimen-

tado por vinte annos, sendo desenhador, e pintor. Tem sido sempre feliz nas pinturas de miniatura em pergaminho fino, ou vellino, em papel, em marmore, e em todas as qualidades de pannos de seda branca.

N U M E R O X I.

Açafrão de Marte, e de Venus.

Toma-se huma libra de caparrosa boa (mas a que se faz he melhor do que a comprada), e tambem quatro libras de potassa reduzida em oleo, no qual se moe a caparrosa até ficar muito macia na moleta; lança-se em grande vaso de vidro, ajuntando por cada vez hum pouco do dito oleo, para que, antes que toda seja delida, não se precipite no fundo da vasilha. Depois de estar toda dentro, revolve-se a côr cuja que estiver feita no vidro, e faz em forma, que pela porção de oleo de potassa, que tiveres moido juntamente, e lançado por cima, revolvendo, fique como hum xarope bem fluido, e não muito condensô. Revolva-se bem tudo muitas
ve-

vezes por hum dia , deixa-se repousar por huma noite , verás no dia seguinte hum oleo transparente de côr de romã , que sobrenadará ; depois deste ser vasado por inclinação , se filtrará por papel pardo , e se tornará a pôr outro tanto de oleo de potassa , quanto se tiver tirado deste liquor.

Revolvido bem ainda por hum dia , e no seguinte vasado por inclinação , o que estiver por cima será tambem filtrado , continuando-se sempre até , que não dê mais côr. Se as quatro libras de potassa não bastarem , empregarás cinco ou seis , e da potassa só se perderá o que for grosseiro : depois se vasa todo o liquor passado por papel pardo (que será pouco mais , ou menos meio quartilho) em tres canadas d'agua da chuva ; a qual será turvada , e se fará amarella. Depois de vinte e quatro horas se vasa por inclinação esta agua salgada em outro vaso , tendo tirado o pó amarello , que se acha no fundo do primeiro vaso , se ponha sobre o filtrada de papel pardo.

Lavado bem o vaso com agua quente por muitas vezes , essa mesma agua será filtrada. Escorrido todo o liquor , ver-se-ha hum pó amarello sobre o filtrador , este he o açafraão de Marte , que se seccará.

Pa-

Para obter o açafrão de Venus precisa-se da mesma operação, e usar, em lugar da Caparrosa, do vitriolo de Chipre, bem que este não deve ser tocado na boca, porque he damnoso. He preciso receber toda agua suja, filtrada nas operações, evaporallas sobre o fogo até seccar o sal, que se porá em frasco, onde virá de novo o oleo da potassa muito puro: este oleo pôde servir para a mesma operação, e he melhor, que o da primeira vez.

Uso dos açafrões.

Moe-se sobre marmore bem liso açafrão de ferro com vinagre distillado reforçado com algumas gotas de dissolução de ferro em agua forte: este açafrão he azul.

Moe-se da mesma sorte o do cobre com vinagre distillado, que terá algumas gotas da dissolução de cobre n'agua forte: conforme se quizer a côr mais, ou menos escura, se ajuntará menos, ou mais vinagre e agua forte. Ambos os açafrões misturados fazem hum verde altivo, tendo huma perfeita união de hum com outro.

N U M E R O XII.

Operação do bello azul.

MOe-se muito fino huma onça d'azul de Prussia em meia onça d'oleo de vitriolo, e outro tanto de vinagre distillado sobre hum marmore bem liso, quanto mais for moido, tanto melhor se dissolverá a côr: posto tudo em vaso de vidro sobre fogo brando se desfaz com vinagre distillado: he preciso ter sobre o fogo, revolvendo sempre, até que deitando huma gota deste licor em hum côpo d'agua, esta se faça toda azul: tirada do fogo, se lhe deita pouco a pouco outro tanto de vinagre destillado, que ao todo encha huma cana-da: guarda-se em frasco, revolvendo-o por muitas vezes, e por muito tempo: depois de repousar por tres dias, coa-se em linho, e guarda-se. Não estando o azul muito escuro, torna-se a pôr sobre o fogo, evaporando ainda o vinagre prudentemente; sahirá hum azul muito bello. Experimentado.

NU-

N U M E R O XIII.

Para fazer verde.

F Eita huma forte decocção do páo amarello com vinagre, e não com agua, passam-se neste licor amarello amostras de linho, já passadas no azul para nada perder. Se não for bastante, para dar hum bom verde, torna a passar no azul, mas com discrição, e ficará o verde bello, e tenáz, e passando tão bem em panno, guarda-se em frasco. Gommão-se estas côres com gomma d'alcatira em pó fino.

N U M E R O X I V .

Methodo para fazer amarello muito solido.

HUma onça de gomma laça em pó, duas oitavas de gengibre de dourar, e tambem duas de sangue de drago, tudo em pó subtil, junto com meio quartilho d'espirito de vinho, põem-se em huma redoma de vidro, depois de bem tapada, deixa-se por duas, ou tres horas em banho de maria, depois de ter deixado d'infusão por vinte quatro horas: he preciso, que a redoma contenha duas canadas, sem o que correria o risco de quebrar-se. Depois de frio se faz com este licor hum sinal sobre qualquer panno, se elle ainda embeber-se, ou correr, deve tornar para o banho de maria, destapado o frasco, para evaporar até que elle não corra mais; então he bella para pintar os pannos: guarda-se em frasco.

N U M E R O X V .

Methodo para outro amarello.
Experimentado.

INfundidas quatro libras de *virga aurea* em trinta canadas d'agua corrente por quatro dias sobre hum fogo muito brando, de sorte que agua seja tepida, tendo a vasilha bem tapada, a qual deve ser d'estanho, ou de cobre bem estanhado: depois filtra-se esta decocção por papel pardo: e fervem-se quatro libras de gengibre de dou-rar em pó, em sufficiente quantidade d'agua com seis libras de grãos d'Avinhão, e meia de sal d'Epson, deixa-se repousar esta tintura por vinte quatro horas, depois tira-se por inclinação o mais claro por cima das fezes, e mistura-se com o outro cozimento acima.

Fervendo a parte duas libras de flores de romãa em vinte canadas d'agua corrente por tres horas; filtra-se este cozimento em papel pardo, e mistura-se com os outros de cima. Ferve-se tudo junto com libra e meia de pedra hume de rocha em pó

pó até o reduzir a quatro canadas. He preciso pôr ainda nesta tintura huma libra da composição para o escarlate que he o estanho de *Cornovaille* dissolvido n'agua régia : ferve-se tudo por hum quarto de hora sómente, fica hum amarello sólido muito bello, que com o melhor anil de *Guatimala* dissolvido com oleo de vitriolo fará hum verde sólido muito bello. Este verde , e este amarello são muito bons para as Chitas : tambem algumas fábricas d'Inglaterra se servem dellas.

N U M E R O XVI.

Experiencias uteis , e recreativas.

Misturada agua forte com a tintura de tornesol , faz vermelho.

Sobre este vermelho , misturando-se hum pouco d'oleo de tartaro, produz o roxo.

Lançando hum pouco d'agua pura, e outro tanto d'oleo de tartaro sobre xarope violado , dá a côr verde.

Pondo dissolução do sublimado corrosivo sobre agua de cal , fará o amarello.

Misturando-se a pedra hume em pó,
e

108 *Arte de fazer Chitas.*

e o succo de flores de lirio , se obterá hum bello azul , que se faz verde.

Ajuntando-se o espirito de vitriolo sobre huma tintura de flores de romás , faz côr de laranja.

Lançando hum pouco d'oleo de tartaro sobre a dissolução do sublimado corrosivo , dá a côr amarellada.

Deitando-se-lhe hum pouco de sal ammoniaco sobre esta mistura amarella , sendo agitada , a côr he branca.

Encorporando a dissolução de vitriolo branco com infusão de galhas , fica preto.

Fim da segunda Parte , que contém os segredos das composições das côres.

